

Brasília presta homenagem já no cortejo

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

Por todo o tempo que o cortejo fúnebre percorreu o Eixo Rodoviário Sul de Brasília em marcha lenta, milhares de pessoas prestaram sua última homenagem ao presidente agitando bandeiras, lençóis, cartazes e muitos ramos arrancados das árvores do local. Tão logo o carro de combate Urutu com o esquife ia deixando para trás a multidão, as pessoas permaneciam na área, acompanhando silenciosamente a longa fila de automóveis que compunham a comitiva. Mas este silêncio era invariavelmente rompido quando o carro, conduzindo o presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, e o líder do governo na Câmara, Pimenta da Veiga, tinham seus ocupantes reconhecidos. Os populares gritavam o nome de Ulysses e este respondia com discretos acenos. A rotina só foi quebrada pouco antes de o cortejo fúnebre arrancar em alta velocidade rumo ao Palácio do Planalto. Um pequeno grupo de populares começou a pedir ao presidente da Câmara que ele "providenciasse" a redução do mandato do presidente José Sarney. Mas logo a multidão se rebelou contra o pedido, e o grupo parou com a exigência.

A observação silenciosa das autoridades que seguiam a comitiva

oficial também foi rompida várias vezes na passagem do automóvel que conduzia o assessor de Imprensa da Presidência da República, Antônio Britto. Os assistentes gritavam seu nome, mas Britto, demonstrando cansaço e uma expressão imutável, não respondia à homenagem.

A única frustração da multidão que observava as autoridades foi a ausência de dona Risoleta Neves no cortejo, que se deslocou diretamente da Base Aérea de Brasília para o Palácio do Planalto: as pessoas a procuravam, até chegando a correr ao lado dos automóveis.

ESPERA

A espera das cerca de 150 mil pessoas que se perfilaram pelo eixo rodoviário para acompanhar a passagem do cortejo fúnebre foi longa. Por volta do meio-dia, quando o Boeing presidencial decolou de São Paulo, o eixo apresentava o aspecto de um dia feriado comum. Poucos automóveis, e muitas pessoas fazendo Cooper ou andando de bicicletas. Quem passasse pelo local não podia imaginar a concentração popular que se distribuiria pela área, mais tarde.

Mas aos poucos, famílias inteiras foram chegando. As 13h30, quando o avião presidencial, escoltado por dois caças Mirage da FAB, sobrevoou o eixo, a multidão já tomava o local. Neste instante, todos voltaram

seus olhares para o céu, pressentindo a chegada do corpo de Tancredo, mas três horas se passariam até que o cortejo atingisse o eixo rodoviário.

A espera foi tranqüila. As pessoas conversavam sobre o choque provocado pela morte, apesar de esperada. Acompanhavam a movimentação do cortejo pelo rádio e suportavam um sol forte de quase 30 graus centígrados.

O clima de tranqüilidade só era quebrado quando o cortejo passava lentamente pelo eixo rodoviário. Palmas emocionadas, gritos de "Tancredo, Tancredo", e música como "Peixe Vivo" e "Oh! Minas Gerais" confundiam-se com o inenso barulho das buzinas e sirenas dos carros do cortejo. Flores eram atiradas sobre o caixão e muitas pessoas não continham o choro, como dona Laura Santos de Abreu, 42 anos, que veio da cidade goiana de Santo Antônio do Descoberto.

"Fiz de tudo para chegar a tempo. Vi o enterro de Juscelino Kubitschek e tive o maior medo de não ver o de Tancredo", afirmou dona Laura, humilde lavradora que levou uma mágoa para casa, ontem: não teve nem condições de comprar uma bandeira pequena, para saudar a passagem do presidente. Ela, inclusive, teve de pedir dinheiro emprestado para completar o valor da passagem de ônibus até sua cidade.



Foto Sérgio Borges — Telefoto Estado

O povo nas ruas